

ANÁLISE DOS FATORES QUE LEVARAM À ESCOLHA DO CÔNJUGE EM INDIVÍDUOS PESQUISADOS NA CIDADE DE LONDRINA E REGIÃO

*Evelin Cristina Guelfi**
*Cláudia Algosó Frasson***
*José Antônio Baltazar****

RESUMO:

A presente pesquisa, teve como objetivo compreender como se dá a formação de relacionamentos conjugais nos tempo atuais, analisando quais são os critérios para a escolha de um parceiro na relação amorosa. A opção teórica para uma análise reflexiva deste assunto se centra nos estudos de alguns teóricos. Optou-se pela pesquisa de campo, quantitativa e qualitativa, definindo-se como método de coleta de dados a análise de questionários aplicados, que serviram de corpo básico da pesquisa para a verificação das hipóteses iniciais. Assim, a presente pesquisa contempla uma reflexão sobre o processo de escolha, mostrando como ele era antigamente e como foi, de uma certa forma, “evoluindo”, uma vez que outrora a mulher não tinha o direito de escolher com quem ela almejava casar-se. Hoje vemos como isso mudou. Esta pesquisa também apresenta as idéias de alguns autores com relação ao processo de escolha, mostrando porque escolhemos, quem escolhemos, evidenciando assim que, nem sempre, sabemos o verdadeiro motivo.

PALAVRAS-CHAVE: Escolha Conjugal; Casamento; Relacionamento Amoroso.

ABSTRACT:

The goal of this research, entitled “Analyses of the factors that influenced the choice of spouses among the individuals researched in the city of Londrina and surrounding region” is to understand how marital relationships are formed nowadays through the analysis of the criteria used in the choosing of a partner in a marital relationship. The theoretical option for a reflexive analysis of this subject is centered on the studies of some theoreticians. The option was for a quantitative and qualitative field research, consisting the method of data collection and analysis of questionnaires that were applied, which were used as the basic body to determine the initial hypotheses. As a result, this research is a reflection on the process of choosing, showing how it once was and how, in a way, it has “evolved”, considering that in times past a woman had no right to choose her future husband. That has changed. This research also present the ideas of some authors regarding the process of choosing, showing why people we chose the persons they have chosen, making it evident that people not always know the real reason.

KEY-WORDS: Marital choice; Marriage; Sentimental relationship.

INTRODUÇÃO

Encontramos os mais diversos tipos de casamentos, pois isso depende da cultura de cada país e família. Tendo como base a nossa cultura, a história nos mostra como antigamente as mulheres casavam-se muito jovens e não tinham o direito de escolher seus cônjuges; o que predominava na escolha naquela época eram os aspectos econômicos. A moça deveria obedecer à tradição e aceitar.

**Acadêmica do Curso de Psicologia da UniFil.

*** Acadêmica do Curso de Psicologia da UniFil.

*** Docente do Curso de Psicologia da UniFil. Mestre em Psicologia. Orientador da presente pesquisa.

Hoje se observa que não é ‘bem assim’: tem-se a liberdade de escolha. Então paramos para pensar: por que escolhi esta pessoa para ser meu cônjuge? Como escolhi?

Durante o decorrer da vida, todo o ser humano se depara com algumas escolhas, umas mais fáceis, outras, porém, mais difíceis, como é o caso da escolha do cônjuge. Geralmente nesta tarefa o medo de errar é ainda maior. E a busca de um parceiro, todo nosso sistema de crenças e valores, e o que esperamos e entendemos a respeito desta parceria, nem sempre são conhecidos e claros. Familiares e amigos se fazem presentes nesta ação de escolha, assim como em toda a história da vida construída.

O parceiro conjugal vem para nos completar; quando gostamos de uma pessoa e nos sentimos atraídos por certas características dela, é porque temos capacidade de ser como ela. O que acontece é que essas características presentes em nós ficam reprimidas no nosso interior. E se não fosse assim nem as perceberíamos em outra pessoa porque não haveria uma assimilação.

Sendo assim, o cônjuge é como um espelho, e aos poucos vamos conhecendo o “nosso próprio eu”.

A pessoa que escolhemos, deveria compor alguns quesitos; entre tantos possíveis: admiração, respeito e atração sexual; e o desejo de constituir com ele ou ela algo significativo!

Nesse caminho, encontram-se dificuldades, pois as pessoas vão tendo contato com as características e defeitos do ‘outro’ que não eram desejados. O que era atração no início do relacionamento passa, então, a tornar-se algo negativo, porque quanto mais negamos que temos ‘aquelas características’, ficamos mais intolerantes para com as pessoas que as possuam.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O casamento é um ato marcante no qual duas pessoas, até certo ponto, estranhas entre si, unem-se na tentativa de construir uma relação na qual possam desfrutar os prazeres da vida e continuar os seus desenvolvimentos.

O parceiro conjugal nos traz proteção. Devido a essa carência de proteção é que se tem necessidade de estar vinculado a uma pessoa, pois o ser humano é adaptado para viver em grupos.

O casamento continuou sendo um dos preciosos sonhos que o ser humano mais ambiciona realizar, mesmo após o fracasso, de uma ou mais experiências, como evidenciam as estatísticas das mais variadas partes do mundo. Isto ocorre porque, para obtenção do prazer, necessitamos da ação complementar de um parceiro que, na infância, são os pais ou substitutos e, na vida adulta, o cônjuge. (COSTA, 2000, p.17).

Na Idade Antiga (476 d.C.) o casamento era um acordo entre o noivo e o pai da noiva, onde havia o pagamento de um dote por parte do pai. Esta união não dependia da vontade, nem da escolha da moça, porque ela era dada para o marido, e o ato representava uma transferência de casa e de ‘Senhor’. Nesta época as mulheres casavam-se muito jovens.

Na Idade Média, o casamento passou a ser um sacramento da Igreja. Instituiu-se a condenação da paixão, porque amar demais era considerado adultério. A influência dos pais na escolha ainda era dominante; a filha que se opusesse era acusada de “vício de ingratição”. O amor

entre os cônjuges viria como resultado daquela vida em comum e não representava a base de um relacionamento. Primeiro casava-se e depois se amava; hoje, ama-se e depois se casa.

Da Renascença até a Idade Moderna, as mulheres da classe média casavam menos do que as da classe operária, devido à questão dos dotes, que eram cada vez mais elevados. Às vezes, casavam uma ou duas filhas e as outras ficavam solteiras. As mulheres não se casavam com homens de posição inferior à sua. O que predominava na escolha do cônjuge eram os aspectos sociais e econômicos. O sexo existia para procriar e não para ter prazer.

Em 1500, na Europa, foi proibida qualquer forma de relação sexual fora do casamento. Nem mesmo dentro do casamento poderia haver uma ‘paixão sensual’ porque isso enfraquecia o amor a Deus. O ‘calor excessivo’ do amor geraria crianças com doenças.

Aos poucos foi aparecendo uma forma autorizada e controlada pelos pais de experiências amorosas pré-nupciais, onde se respeitava a virgindade. Isso resultou em uma valorização do afeto e do erotismo e o aumento das práticas sexuais antes do casamento, no início de século XVIII.

As pessoas se opunham a aceitar um segundo casamento, caso alguém perdesse seu cônjuge. No século XVIII floresceu o casamento igualitário. A partir deste momento, no final do século, é que vai surgir na história da humanidade o ‘casamento por amor’, que reúne amizade, prazer sexual, concepção e, principalmente, a liberdade de escolha.

A relação conjugal e o conceito de família irão se diferenciar neste período. Criase a consciência de que a família é indestrutível, mas o casamento, nem sempre. Com a cultura do século XX, enriquecida pelos conhecimentos psicanalíticos, os métodos contraceptivos, a liberação do divórcio e a profissionalização da mulher, o casamento foi afastado das influências familiares e da religião, passando a ser, então, uma condição de relacionamento amoroso e conotação sexual. A pessoa vive com um companheiro, mas nem sempre é casado com ele.

No final do século XX, enfim, o casamento parece ter atingido sua maturidade, passando a representar, verdadeiramente, um ato de vontade, regido pelas necessidades e anseios de prazer e realização estabelecidos livremente pelo casal. (COSTA, 2000, p.29).

No limiar do ano 2000, deixa-se para traz um modelo idealizado de família que dificultava ainda mais os relacionamentos, com submissão e ocultação de sentimentos, fazendo com que o ódio se sobrepusesse ao amor, em muitos casos.

Partindo disso, podemos notar uma grande mudança com relação à escolha do cônjuge durante o desenvolvimento da humanidade. Inicialmente, a pessoa teria que casar-se com quem era “posto” a ela, e obedecendo à tradição. Hoje, se tem a liberdade de poder selecionar as características que se almeja para um companheiro, podendo partir de cada um a responsabilidade e a vontade de querer ou não ficar com o ‘outro’.

Mas esta escolha não se dá de uma forma tão técnica e precisa, pois muitas vezes, acontece quando menos se espera... o frio na barriga, o tremor nas pernas, sensações até então nunca sentidas, mas estudadas por Tennov, levam a estes sintomas:

1. Pensar obsessivamente no objeto amado.
2. Absoluta necessidade de reciprocidade.
3. Profunda dependência das atitudes do amado, na qual se procura constantemente uma resposta ao próprio amor.
4. Incapacidade de amar outra pessoa.
5. O único alívio é imaginar que o 'outro' também nos ama.
6. Medo da rejeição, e timidez paralisante frente ao amado.
7. Os obstáculos parecem intensificar o sentimento.
8. Necessidade de crer que, atrás da aparente indiferença do amado, se escondem sentimentos apaixonados.
9. Dor na região do coração, nos momentos de incerteza.
10. Sensação de flutuação toda vez que há sinais de reciprocidade.
11. Intensificação do sentimento, o que relega tudo o mais a segundo plano.
12. Magnificação de todas as possíveis qualidades do amado e recusa de ver qualquer defeito. (COLOSANTI, 1985, p.22).

E ainda: 13. Dificuldades digestivas e insônia.

Esses doze sintomas foram descritos por Tennov, mas teriam sido detectados há nove séculos por Andréas Capellanus, autor do "*Tratado do Amor Côrtes*", o qual inclui a *dificuldade de digestão e insônia* como sintoma e reforçou dizendo que estes causam alteração no cérebro, podendo levar à loucura.

É muito comum também confundirmos escolha com atração, embora sejam duas coisas diferentes. A atração é aquilo que vai nos despertar para uma pessoa, e que só saberemos se ela serve para nós, depois do processo de escolha.

Temos necessidade de fazer escolhas, isto é nato do ser humano. Somos obrigados a fazer escolhas, procedimento que sempre é avaliado e reavaliado, em todas as situações da vida.

O ser humano se depara no decorrer da vida com muitas escolhas como: profissão, amigos, religião, entre outras. Mas uma das mais complexas consiste em determinar quem será o seu parceiro, e que aspectos racionais e emocionais se relacionam a este especial processo de escolha. E, muitas vezes, nem nos damos conta de que estamos escolhendo; nosso inconsciente avalia no 'outro', possibilidades de satisfação. Nesse processo, na retaguarda, situa-se a escolha sexual, que em alguns casos estará bem clara e em outros mais 'retraída'. É certo que a insatisfação erótica será um fator determinante para uma reavaliação da escolha.

Quando o desejo sexual inclui a escolha de uma determinada pessoa, surge o desejo erótico, que é a base do amor maduro que não engloba somente o prazer, mas sim uma comunhão de disposições e expectativas nos planos emocional e afetivo. No amor deve-se ter capacidade de provocar e ser provocado sexualmente.

Na relação entre marido e mulher o dinheiro possui a característica de ser, ao mesmo tempo, muito valorizado e desvalorizado, dependendo da situação.

Encontra-se muitos ditados populares em relação ao parceiro amoroso como, por exemplo: "Toda pessoa tem sua cara metade em algum lugar do mundo"; e com isso vivemos à procura desta parte que irá nos complementar. Queremos, sempre, encontrar a nossa 'alma gêmea'.

Porém, nesta busca de um parceiro, todo o nosso sistema de crenças e valores, o que esperamos e entendemos a cerca desta parceria, nem sempre são conhecidos e claros.

O estudo do inconsciente coloca-nos diante de um paradoxo, pois mostra que o homem não tem o poder de decisão que imagina ter, mas também não pode inocentar-se, atribuindo seus sucessos e insucessos a agentes externos (ANTON, 2000, p.21).

Fazem parte deste processo conteúdos conscientes e inconscientes. Entrando aí impulsos, fantasias e mecanismos de defesa.

Parte dos motivos da escolha fica retida no inconsciente. O que normalmente acontece é que a percepção dos motivos conscientes que ficam na “face externa” de uma verdade, envolve muitas camadas que se ocultam e se protegem umas das outras.

FREUD (1914), em seu artigo sobre o narcisismo discute o que está presente na escolha de um parceiro. Para ele, há dois tipos de escolhas: do tipo anaclítico ou narcísica. Tanto a escolha anaclítica como a narcísica estão presentes em cada indivíduo, mas pode haver a predominância de uma sobre a outra. Ao descrever escolha narcísica, FREUD (1914, p.107) diz que uma pessoa pode amar: O que ela própria é (isto é: ela mesma); o que ela própria foi; o que ela própria gostaria de ser; alguém que foi alguma vez parte dela mesma.

A anaclítica é, para este autor, uma escolha baseada no desejo de reconstituir uma relação de cuidado, alimentação e proteção, que foi vivida no início da vida. Este tipo de escolha estaria, para ele, mais presente nos homens que procurariam viver, através da relação amorosa, uma relação parecida com a que tiveram com a mãe. Para as mulheres, este tipo de escolha estaria relacionado à busca de um homem que as protegesse.

Para KLEIN (1937b, p.121), um homem, ao escolher uma esposa, leva em consideração o sentimento que permeava a sua ligação original com a mãe. Em contrapartida, sentimentos que a mulher nutre por um homem e que levam à escolha do mesmo como parceiro amoroso, recebem fortes influências da ligação original dela com o seu pai.

Em qualquer casal podemos observar claramente as diferenças existentes, mas o que costuma ficar oculto são as semelhanças que, na maioria delas, são inconscientes. A atração de um pelo outro também faz parte do processo inconsciente.

Somos atraídos por pessoas iguais a nós, porque elas “ativam” em nós, qualidades que também temos, mas que estão em um “estado de dormência”. Uma qualidade reprimida, ao ser vista em outra pessoa, acaba sendo liberada. Por que isso ocorre?

Na nossa infância, uma boa parte da nossa personalidade é negada, e isso provoca inibições de algumas capacidades que temos. Aí não as desenvolvemos porque algumas dessas qualidades, por ex., uma enorme intuição ou mesmo uma grande espontaneidade, podem se mostrar difícil para o adulto que está perto lidar com elas. Então, reprimimos muitos de nossos “talentos naturais” e nossas qualidades são assim desvalorizadas. Somos então muito dependentes e não sabemos como cooperar. Nos tornamos adultos com aspectos da nossa capacidade de agir, sentir e, até mesmo, pensar, já reprimidos. As pessoas que foram menos “trancadas” são aquelas que descrevemos como tendo muita ‘personalidade’, embora todos nós tenhamos; acontece que na maioria das pessoas isso ficou recessivo.

Na difícil escolha de um parceiro buscamos um “equilíbrio” com alguém que atue nessas áreas que nós temos reprimidas; isso inconscientemente. Cai por terra, então, a famosa frase de que “os opostos se atraem” e entra a questão de que “os iguais é que se atraem”.

O parceiro vem para suprir aquilo que falta em nós. Quando admiramos uma pessoa é porque sentimos que temos capacidade de ser como ela; porém, se as características que nos atraem não estivessem “adormecidas” em nosso interior, nem iríamos percebê-las em outra pessoa, porque não seriam nem assimiladas.

Esse ‘complemento’ do parceiro, essa outra parte, nos faz sentir independentes, pois nos tornamos completos e ativamos a nossa autoproteção.

A admiração entre os cônjuges acontece nas mais diversas características, que podem ser alteradas com o tempo, mas que sempre estarão presentes. É algo que fortalece a união: quando duas pessoas se conhecem começam a admirar no outro aspectos que, muitas vezes, os fará permanecer unidos.

As pessoas têm grande dificuldade de aceitar que possuem as mesmas características de seu parceiro, sejam elas virtudes ou defeitos. Ao sermos atraídos pelas qualidades de quem amamos, é bom termos consciência de que também temos o mesmo potencial em nós, e que podemos ativá-lo. E quando criticamos um defeito em nosso companheiro, é importante observar como este defeito também aparece em nós; talvez expresso de uma outra maneira, por ex., se o parceiro é egoísta em alguns aspectos, somos em outros.

E quando o assunto é ‘amor à primeira vista’? Existe um processo de escolha em uma situação desse tipo?

86

A resposta para essa pergunta é que acontece um processo muito rápido, que parece nem existir. O fato é que a paixão surge em poucos minutos e de uma forma fulminante; trata-se não somente de uma atração sexual, mas de um amor, de aproximação imediata, uma sensação de intimidade com aquela pessoa, sem que se tivesse trocado informações. Ama-se sem saber quem realmente é aquela pessoa. E nessa relação não há medo; consegue-se estabelecer uma segurança sem que haja dado algum para justificá-la. Não se trata de uma loucura, mas sim de uma comunicação bem diferente daquela que estamos acostumados a ver. É como se aquele receio, ansiedade ou medo que sentimos ao conhecer uma pessoa, não existisse naquele caso, permitindo assim um maior contato recíproco, estabelecendo-se, então, de uma forma muito rápida os diálogos do inconsciente, que normalmente levam um tempo maior para acontecer: “Os raros amantes que se escolhem à primeira vista sentem-se quase iluminados, abençoados por Deus (COLASANTI,1985, p.59)”.

É importante buscar, ao se escolher um parceiro, a maior quantidade de afinidades possíveis, sejam elas intelectuais, de temperamento, etc.; assim se estará possibilitando um convívio pacífico para maior durabilidade do casamento e mais harmonia. Porém há pessoas que escolhem qualquer parceiro objetivando se beneficiar do prazer carnal, e isso poderá levá-las à infelicidade conjugal, pois está envolvida uma carência psicológica. Somente a beleza não garante um bom casamento, pois a beleza física envelhece. A felicidade está em satisfazer-se em todos os sentidos, não apenas no físico.

COSTA, (2000, p.59-62), comenta sobre as 10 bases de um relacionamento feliz, mostrando que a primeira delas é que a pessoa deve se afastar de sua família de origem, deve ser

independente; as dificuldades quase sempre são projetadas na família do outro. Esse hábito pode estar associado a conflitos infantis não-resolvidos.

A segunda base é a compatibilidade. Cada um deve ser o complemento do outro e não a extensão do outro. Por isso é necessário que se reserve alguns momentos só para a pessoa, um “canto”. A terceira base seria uma vida sexual satisfatória. A quarta, o reconhecimento de que o casamento não é um mar-de-rosas e que conflitos são inevitáveis. A quinta base fala da importância de se manter a admiração pelo outro.

Na sexta base Costa coloca a importância de se expressar os anseios e as necessidades, de uma forma clara e precisa. A sétima diz respeito à cumplicidade conjugal; no casamento deve haver segurança e abastecimento afetivo, e é importante estimular o parceiro a crescer e ter sucesso.

Na oitava base o autor valoriza a questão dos amigos, os obtidos antes e os que aparecerem após o casamento. Eles são importantes para a distribuição de afetos. É bom que um casal fique sozinho, porém é bom também que tenha um vínculo de amizade. A nona base analisa quando um casal abre espaço para um filho. Há casamentos que se caracterizam pela ausência de filhos. Sendo assim, é mantida ao longo da vida uma relação exclusiva entre ambos. Este é um modelo muito infantil de vínculo afetivo mas, por outro lado, não se pode deixar a criança acabar com intimidade do casal, dominar a família. E, por último, a décima base de um relacionamento feliz é tornar o casamento alegre e divertido.

Quando casamos com alguém vamos conhecendo o “nosso próprio eu”. E o incrível é que quanto mais tempo passamos juntos, vamos tendo contato com os aspectos que temos mais dificuldades de assumir; e aquilo que era atrativo no início, passa a ser negativo e irritante, porque quanto mais reprimimos a nós, mais intolerantes somos com os outros.

Num relacionamento, o, parceiro é como um espelho que nos permite contemplar a nossa própria imagem. Pode ser assustador enfrentar o reflexo que nos é mostrado. Algumas pessoas prefeririam correr e deixar o espelho para trás a enfrentar a verdade sobre si mesmas. Mas mudar de espelho não muda o seu rosto. Diante de um espelho, você pode se aprumar, se resolver e ainda aprender a ver o quanto você é bonito e humano (BIDDULPH, 2000).

DISCUSSÃO

Com base nos resultados da presente pesquisa, onde foram entrevistados 25 homens e 25 mulheres, mais de 80% estão oficialmente casados, e mais de 68% já terminaram o 2º grau. Entre os sujeitos, a maioria mora em residência alugada; e acima de 50% deles convivem na mesma casa em torno de 3 anos. Mais de 56% namoraram por mais de 2 anos.

Acima de 64% dos entrevistados (de ambos os sexos) se conheceram em festas, casas de amigos ou na rua. O que mais chamou a atenção foi a espontaneidade que eles declararam nos primeiros olhares e o sorrisos. E mais de 60% apenas conversaram no primeiro encontro.

Acima de 80% dos entrevistados responderam que o cônjuge não foi o primeiro namorado(a) e os principais motivos que os levaram a morar juntos foram a afetividade, compatibilidade e gravidez. Dentre os entrevistados, 76% tomaram a decisão conversando muito um com o outro, e mais de 72% não consideram que foi precipitada a decisão. 80% dos sujeitos do sexo

feminino responderam que foi a primeira experiência sexual; e 80% de toda a amostra responderam que não foi sua primeira experiência sexual. 56% não têm curiosidade em ter relação sexual com outras pessoas.

Acima de 68% das famílias aceitaram a decisão de o casal morar junto; mais de 84% das famílias não influenciam no relacionamento, segundo os depoimentos. Atualmente sentem-se respeitados, amados, protegidos e realizados em seus relacionamentos e o que mais admiram em seus parceiros são: inteligência, fidelidade, companheirismo, etc.

Eis algumas características que não gostam nos parceiros: ciúmes e acomodação. 52% dos homens entrevistados se consideram parecidos com seus parceiros; já entre as mulheres, somente 36% pensam assim. Na opinião geral, o que mais segura a relação seria o companheirismo, o respeito, o caráter e a cumplicidade. E quando se perguntou a eles sobre qual seria o papel de cada um na relação, repetiu-se: proporcionar companheirismo. Acima de 52% classificam a relação como muito satisfatória.

CONCLUSÕES

Com base na investigação científica aqui relatada, apesar das diversidades nas idades, classes sociais, escolaridade, épocas em que ocorreram os “casamentos”, fica evidenciado que o fator que se faz importante na escolha do cônjuge, a princípio, seria o olhar despertando a paixão. A afetividade e a compatibilidade vêm a seguir e mostram-se como algo relevante na união. Os casais entrevistados, no geral, confessaram-se satisfeitos com o relacionamento e tranquilos em relação à escolha feita.

Foi evidenciado que existem muitos fatores que influenciam na escolha do cônjuge; fatores estes que ligados ao inconsciente e também à história de vida de cada um, fazem o indivíduo buscar alguém muito semelhante a si próprio.

E após a paixão, com o passar do tempo se depara cada dia mais com as diferenças. É importante entender que, no fundo, a pessoa ‘amada’ passa a ser um espelho do que somos, fazendo com que enxerguemos nela nossos próprios defeitos. Deve-se então continuar respeitando um ao outro e buscando evoluir juntos, desde que não se perca a admiração recíproca, que se constituirá em um dos fatores necessários para um recomeço ou uma continuidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. Amor e religião. *In: As Dimensões do Amor*. Campinas-SP: Unicamp, 1998.
- ANTON, I. L. C. *A escolha do cônjuge: Um Entendimento Sistêmico e Psicodinâmico* Porto Alegre: Artmed, 2000.
- BIDDULPH, S. S. *Por que escolhi você*. São Paulo: Fundamento, 2003.
- COLASANTI, M. *E por falar em amor*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- COSTA, G. P. *A cena conjugal*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DOLTO, F. *Sexualidade feminina*. 3.ed. (Trad. Roberto Cortes de Lacerda). São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FREUD, S.. Obras Completas de Freud. V.11, p.149-196. *Questões do amor*. Rio de Janeiro: Imago, 1914.

KLEIN, M. *Amor culpa e reparação e outros trabalhos*. (1921-1945, com uma nova introdução escrita por Hanna Segal; trad. de André Cardoso). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LAZARUS, A. A. *Mitos conjugais*. (Trad. José Carlos Vitor Gomes). Campinas-S.P.: Psy, 1992.

OSBORNE, C. G. *A arte de compreender seu cônjuge*. 4.ed. (Trad. João Barbosa Batista). Rio de Janeiro: JUERP, 1994.